



10 de setembro de 2007

Quais são suas principais atividades hoje ?

MR- Tenho prestado consultorias a ONGs e a órgãos governamentais como a Secretaria Nacional de Direitos Humanos. A pedido do Ministro Nilmário Miranda, assumi a responsabilidade de redigir o Relatório do Brasil sobre o Pacto de Direitos Civis e Políticos para a ONU. Faz 8 anos que o governo federal não apresenta esse relatório às Nações Unidas o que tem desgastado a imagem do Brasil. Até junho, o Relatório estará pronto. Vou redigi-lo com transparência, relatando tantos os avanços que tivemos nesses 8 anos, quanto os problemas mais graves como a tortura e as execuções sumárias. Só aceitei o desafio por conta da disposição do governo em não querer "tapar o sol com a peneira". Tenho feito várias palestras, especialmente em Universidades, o que complementa minha remuneração.

O senhor ficou um ano na Inglaterra desenvolvendo um projeto de pesquisa em Segurança Pública. Qual foi a conclusão do estudo no país europeu?

MR- Meu projeto tratou das boas práticas de segurança e das experiências exitosas de reforma das polícias, destacadamente na Europa. Com o desenvolvimento dos meus estudos, entretanto, esse objetivo foi ampliado integrando outros temas. Acho que consegui oferecer uma boa síntese do que aprendi em um livro que deverá ser lançado ainda no primeiro semestre. A Inglaterra possui uma das melhores polícias do mundo. Uma polícia cujo trabalho cotidiano, de rua, é feito sem armas. Cada uma das 43 forças policiais da Inglaterra e País de Gales possui um pequeno grupo de oficiais autorizados a usar armas que, entretanto, só são chamados em momentos graves onde há ocorrências com armas. Na Inglaterra, as armas foram banidas em 1996. Aposta-se muito na estratégia de policiamento comunitário, na inteligência policial e na abordagem conhecida como "Policiamento Orientado para a Solução de Problemas". O que se busca é a superação do "modelo reativo de policiamento", que ainda impera no Brasil. Por esse modelo antigo, a polícia só atua após a ocorrência de um delito e, em regra, produz resultados muito pequenos. O desafio, então, é o de inverter essa lógica e atuar na prevenção.

Na sua opinião, como está o desempenho do governo Lula?

MR- Não sou a pessoa mais indicada para um balanço, mesmo porque estive longe do Brasil por um ano. Parece claro, entretanto, que o governo não pode centrar sua estratégia no atendimento das demandas clientelistas de sua base parlamentar, nem deve se orientar pelos humores do mercado ou da "opinião pública". Submeter-se às lógicas que emanam dessas relações seria uma receita infalível para não mudar o Brasil. Em vários ministérios faltam competência, ritmo e criatividade e imagino que esses problemas estejam sendo identificados pelo governo. A vitória de Lula gerou muitas expectativas e a história do PT autorizou a idéia de que os problemas do Brasil se resumiam à "falta de vontade política". Parece claro, agora, que o buraco era mais embaixo. Mas não é hora de se "jogar a toalha". O governo ainda poderá fazer muito e a sociedade deve cobrar e apontar alternativas. Não devemos cair na armadilha do ceticismo. Devemos lutar e falar a verdade, dentro e fora do governo.

O senhor pretende voltar a atuar na política partidária ?

MR- Vou seguir militando sempre. O que não tenho mais vontade é a de atuar no parlamento ou disputar eleições. Há duas razões para isso: a) não quero voltar a ter o tipo de vida que a condição de parlamentar me exigiu em longo de 18 anos. Desde a experiência na Inglaterra, não abro mão de minha família, de contar histórias para minhas filhas, de passear com a Jussara, de ler meus livros, etc. b) as disputas eleitorais no Brasil se transformaram em cassinos onde o que conta é o dinheiro. Sei como a maioria dos candidatos financiam suas campanhas, mas não estou nem nunca estive disposto a fazer o jogo pelo qual você se transforma em um representante dos grandes interesses econômicos. Por isso, estou fora e me sinto melhor assim. Ao longo de toda minha vida parlamentar, o único patrimônio que construí foi a minha respeitabilidade. Fico com esse patrimônio, então.

O que o senhor aprendeu de bom e ruim na política?

MR- O que há de melhor na política é a chance de disputar amplamente suas idéias e de construir políticas públicas que humanizem a vida. O que há de pior na política é a mediocridade moral. Conheci vários desses anões morais que circulam apertando as mãos de todo mundo, que mandam felicitações de aniversário, que possuem um discurso para cada público e que atuam com a desenvoltura de mercadores. Infelizmente, esse perfil é o que tem mais chances na política brasileira. Mesmo porque muitos eleitores e alguns dos formadores de opinião adoram o estilo. Enchi o saco disso também.

O senhor participará da campanha para a reeleição do prefeito Valdeci Oliveira?

MR- Farei, dentro dos meus limites, tudo o que puder para ajudá-lo. Pode-se fazer qualquer crítica ao Valdeci, mas ninguém deixará de reconhecer que ele é um político honesto e comprometido com o povo. Do jeito que a política brasileira está, eu não trocaria essas garantias por nada. Mas esse não é o único motivo para reelegê-lo. Valdeci tem feito um bom governo. Não há em sua administração "efeitos especiais" ou projetos grandiosos. Trata-se, entretanto, de um governo que vem avançando em políticas simples e que possui uma série de iniciativas elogiáveis. Em um segundo mandato, com a experiência adquirida, Valdeci fará ainda mais. Para melhorar o quadro, Werner Rempel

será o candidato a vice. Conheço Werner desde os tempos de Igreja Metodista. Trata-se de outro bom sujeito, alguém de quem se poderia "comprar um carro usado". Nem sempre os eleitores tem uma chapa que inspire tamanha confiabilidade, não é mesmo?

E candidato a vereador. O senhor apoiará algum nome na cidade?

MR- Sim. Farei campanha e vou votar no Kalú. O conheço há mais de 20 anos e tenho por ele uma grande admiração. Ele atua com generosidade e está sempre organizando movimentos sociais. Particpei da festa de pré-lançamento de sua campanha. Estavam lá desde estudantes, artistas e produtores culturais até dezenas de catadores de lixo de Santa Maria. O Kalú é essa diversidade e, também, lucidez, bondade e alegria. Votaria nele para governador.

**Fechar Janela**